

FRANCISCO NICHOLSON

PÁTRIAS

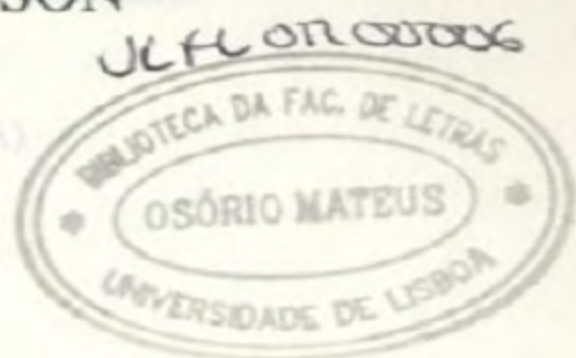
SEGUIDO DE
O LIXO E DE A CATACUMBA



Sociedade Portuguesa de Autores
Publicações Dom Quixote

FRANCISCO NICHOLSON

Francisco Nicholson
Pátrias
(Agrupação de línguas portuguesas)
ISBN 972-20-1482-X
CDU 821.194.3



PÁTRIAS

seguido de

O LIXO e A CATACUMBA

Prefácio de Luiz Francisco Rebello

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES/PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA

1998

ISBN 972-20-1482-X

Biblioteca Nacional — Catalogação na Publicação
Nicholson, Francisco
Pátrias
(Autores de língua portuguesa)
ISBN 972-20-1482-X
CDU 821.134.3-2



Publicações Dom Quixote
Av. Cintura do Porto de Lisboa
Urbanização da Matinha, Lote A, 2.º C
1900 Lisboa – Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 1998, Francisco Nicholson

Capa: Catarina Rebello que agradece a colaboração
dos amigos Eugénia, Lucinda, Céu, Germano,
Henrique, Manuel e Fernando

Revisão tipográfica: Eda Lyra
1.ª edição: Setembro de 1998
Depósito legal n.º 125 433/98

Fotocomposição: Mariano
Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

ISBN: 972-20-1482-X

PREFÁCIO

LUIZ FRANCISCO REBELLO

De Francisco Nicholson conhece-se sobretudo o actor e autor de revistas que contribuíram decisivamente para a renovação de um tipo de espectáculo que era, até há poucos anos, o mais afeiçoado do público português. Escreveu ele, ou melhor colaborou, em trinta e cinco anos, quase outras tantas revistas, desde que em 1963 se estreou, no Teatro ABC, com *Gente Nova em Bikini*, que logo o creditou como o legítimo herdeiro dessas gerações a que pertenceram António de Menezes e Júlio Rocha, Sousa Bastos e Schwalbach, André Brun e Ernesto Rodrigues, Lino Ferreira e Luís Galhardo, Alberto Barbosa e José Galhardo, Fernando Santos e Amadeu do Vale, Aníbal Nazaré e Nelson de Barros, César de Oliveira e José Viana, com as quais nasceu, cresceu e se firmou a revista portuguesa. A ele, e aos dois últimos que citei, ficou a dever-se, nos anos que imediatamente precederam e se sucederam à revolução de Abril, a restituição plena da revista à sua vocação crítica originária, que a censura fascista ou fascizante embotou sem conseguir nunca amordaçá-la, e de que *É o Fim da Macacada* (título premonitório!), estreada em 1972 no Teatro ABC, ou a fundação, dois anos depois, já em plena liberdade conquistada, do Teatro Adoque, constituíram os marcos mais salientes. Se, como tantos indícios deixam antever, estamos a assistir à agonia de uma forma de teatro que durante século e meio, apesar das vicissitudes a que teve de submeter-se,

ocupou o primeiro lugar das preferências do público e mereceu a atenção de estudiosos, podemos afirmar que Francisco Nicholson terá sido o último dos nossos grandes autores de revista, e ao nível dos maiores, sobre ter sido também um dos seus mais destacados intérpretes.

Conhecer-se-á também o autor (e, por igual, intérprete) de telenovelas, de que foi o pioneiro, pois dele era a autoria das duas primeiras que em Portugal se realizaram, *Vila Faia* em 1982, *Origens* no ano seguinte. E já outra se anuncia para breve, *Os Lobos*, que por certo virá confirmar o seu engenho de contador de histórias e o seu talento de construir personagens e pô-las a dialogar.

São esses dotes que avultam nas três obras reunidas neste volume, que revelam, a quem o não conhecesse, um terceiro Francisco Nicholson, a juntar ao autor e intérprete de revistas e de telenovelas, e com eles coexistindo, o autor dramático, *tout-court* (perdoe-se o francesismo), atento aos problemas do seu, e nosso tempo, e vazando-os em situações concretas, vividas por personagens concretas que se exprimem numa linguagem também ela concreta. Não é isto moeda corrente na nossa actual dramaturgia, que muitas vezes se perde nos meandros da abstracção e da alegoria e no artificialismo de uma pós-modernidade mal entendida e pior assimilada.

Atrevo-me a dizer que à imediatividade do discurso revisteiro, pela sua directa aderência ao quotidiano, devem estas peças a escolha dos temas que desenvolvem e a acutilância das suas réplicas. Um tal ou qual esquematismo psicológico das personagens, que acaso se lhes poderá assacar, é no entanto inerente à exemplaridade das situações em que o autor as colocou, e que são paradigmáticas das tensões e contradições de uma sociedade sujeita a um processo de mutações vertiginosas, como nenhuma outra a humanidade até agora terá conhecido. Daí o choque que desencadeia o conflito nos dois grandes textos deste volume: choque entre duas concepções opostas do mesmo presente (em *A Catacumba*) ou entre o presente e o passado (em *Pátrias*), e que em nenhuma delas verdadeiramente

se resolve porque a acção — como a vida — continua, para as personagens como para os espectadores (neste caso, leitores), depois de o pano cair (ou de o livro terminar).

Vinte anos separam, no tempo, a escrita destas duas peças. *A Catacumba* reflecte o tumulto dos anos revolucionários, com os seus excessos e as suas traições, e esboça um balanço em que o «deve» e o «haver» dificilmente se equilibram. É também um balanço que as personagens de *Pátrias* empreendem, ou, parafraseando o que uma delas declara, a «autópsia», não só de uma amizade, mas do quadro social em que essa amizade as uniu e desuniu, se formou e dissolveu.

Como, na indiferença pelos valores humanísticos, na submissão aos interesses materiais imediatos, na acomodação fácil, se vai dissolvendo esta sociedade em que vivemos.

LUIZ FRANCISCO REBELLO